

AVIDA

Dossier de apresentação

Sinopses
Objectivos
Metodologias
Rider tecnico
Dossier de imprensa
Curricula



MC Ministério da Cultura

ia Instituto das Artes

CA Centro de Artes de Sines

PT Pax Jluia Teatro Municipal – Beja

CC Centro Cultural Raiano - Idanha-a-Nova

ÁVIDA

sinopse

ÁVIDA explora mundos particulares de 15 pessoas que vivem em 3 comunidades e que assumem alguma actividade artística no seu quotidiano.

Pedaços destas vidas, são expostos no palco, confrontadas com as palavras e a acção de três actores - cada um deles com todo um universo para revelar e sugerir.

José Barbieri cria um evento multimédia e performativo baseado nas histórias de vida de músicos de baile, maestros, cozinheiros, arquitectos, escritores, livreiros, pintores, artesãos e cinéfilos entrevistados em três localidades correspondentes a outras tantas envolventes paisagísticas e humanas: Sines (a costa), Beja (a planície), Idanha (a montanha).



Desenvolvimento

Que adultos somos, hoje e neste país? Como convivemos com a necessidade de ter um pouco de arte nos nossos quotidianos? Ser adulto neste universo cada vez mais transitório e inseguro, ter que reflectir a cada momento, optar a cada momento, resistir ao assalto mediático a cada momento, e mesmo assim não conseguir viver sem ler um livro, ou ouvir uma musica, ou ver uma pintura, um espectáculo... e necessitar de escrever, de desenhar ou de tocar para manter a identidade, o equilíbrio... ou apenas necessitar de cozinhar ou de ver um filme....

A partir destas questões, José Barbieri cria um evento multimédia e performativo baseado nas histórias de vida de 15 pessoas que em comum têm o facto de serem adultas e de assumirem a existência da arte nas suas vidas: músicos de baile, maestros, cozinheiros, arquitectos, escritores, livreiros, pintores, artesãos, cinéfilos, foram entrevistados em três localidades correspondentes a outras tantas envolventes paisagísticas e humanas: Sines (a costa), Beja (a planície), Idanha (a montanha).



Pedaços destas vidas, são expostos no palco, confrontadas com as palavras e a acção de três actores - cada um deles com todo um universo para revelar, sugerir, confrontar.

Neste projecto, foi salientado

“...o seu carácter inovador e experimental quer ao nível da sua concepção, quer ao nível da metodologia de concretização”, o que mereceu a melhor pontuação nacional no item *inovação experimental* e a segunda melhor pontuação nacional no item *qualidade artística e técnica*.

Ministério da Cultura, Instituto das Artes, concurso 2006, pontuais teatro

Teatro documental?

15 testemunhos em vídeo mais 3 actores em cena, numa deriva performativa que se estende desde a memória da infância até à ideia da morte. Esta proposta inovadora e refrescante fala-nos do que é ser adulto hoje, aqui, num registo que vai da tragédia à comédia. Um outro modo de fazer teatro, de conviver com os multimedia no teatro, de comunicar com o espectador.

Este é um tempo mutante. O tempo de um novo adulto, que navega num novo mar de informação, hábitos flutuantes, vento de mudança e uma canção de esquecimento. Neste novo contexto, o adulto apreende a sua perenidade, a sua falibilidade, e reinventa-se ou, pelo menos, reavalia-se. Sente a necessidade da reflexão contínua como estratégia necessária numa existência livre mas sujeita a constantes contingências económicas e sociais.

É para o adulto que faço esta proposta. O adulto que somos. Para os homens e mulheres que defino, com a ajuda da sociologia, como seres reflexivos.

Conhecer o mundo adulto através dos adultos. Apresentar este mundo (tão diverso de outros estágios etários, tão subdividido em fases que se desenvolvem em espiral) onde o passado é também um historial de opções com preço pessoal e colectivo. Um mundo em que alguns reflectem e mudam enquanto outros apenas mudam de dependência (ou permanecem).

Um mundo caracterizado pela consciência da perenidade da vida e das relações.

AVIDA colhe um ponto de referência do nosso tempo, da nossa sociedade, de nós, na construção de um objecto artístico.



Construção do espectáculo

Técnicas de teatro “responsivo”, tal como explicitadas nos objectivos artísticos, aliadas a técnicas de tratamento da informação-base do espectáculo e criação-base do mesmo a partir da técnica “do caos organizado á criatividade caótica”, que acumula a desconstrução, a contaminação e outras técnicas.

Objectivos artísticos

Contornar o dramaturgo na construção de um espectáculo teatral.

Explico-me:

- O dramaturgo assume-se como médium entre o imaginário comunitário (que inclui a percepção do mundo e a reconstrução pessoal do mundo) e as artes performativas.

É na reconstrução do mundo efectuada pelo dramaturgo que o espectáculo de teatro se baseia para construir o objecto artístico a propor ao público. Ou seja, assumindo a manifestação artística como construção de um novo universo (desculpem qualquer coisinha mas a definição de Bazin atravessa os tempos sem desafio à altura) o espectáculo teatral resulta normalmente da construção de um universo a partir de um outro – o do dramaturgo – isto se não incluímos a visão do encenador, as construções sobre ela de cada performer, a releitura do responsável plástico...

Na metodologia criada para construir este espectáculo, tento a construção de um universo a partir da fonte original – a percepção existencial – eliminando o médium dramaturgo, tentando ganhar em crueza poética para o espectáculo o que perco em clareza poética, num esforço de conseguir maior resposta do espectador à obra teatral.

Preferir a diversidade de testemunhos crus à clareza poética do dramaturgo.

Não se trata portanto de o criador do espectáculo acumular a dramaturgia na realização do mesmo. O processo a seguir implica a contribuição de 15 pessoas captadas em discurso directo, inquiridas sobre as suas histórias de vida; a selecção das partes interessantes para o projecto dos respectivos discursos e a sua utilização responsiva no espectáculo.

Isolar os universos de diversos adultos com alguma produção artística, trabalhar esses universos respeitando a crueza do testemunho, isolar frases significativas, utiliza-las como signos, trabalha-las performativamente, trabalha-las visual e sonoramente. Conseguir a poesia pela crueza visual e performativa.

Outra vez a tábua rasa.

Por vezes, é necessário realizar uma “operação Tábua Rasa” na actual cena teatral portuguesa. Vivemos um tempo de produção que se caracteriza por um ecletismo total de métodos e linguagens em convívio com uma (assumida?) falta (ou baixa qualidade de) de conteúdo semântico dos espectáculos ditos experimentais. Os pressupostos artísticos explicados nesses eventos, vejo-os como claramente insuficientes para explicar a deriva experimental ao ponto de se assumir como corrente de criação. Daí propor este espectáculo como parte de uma “operação Tábua Rasa” destinada a criar um possível ponto de partida de um trabalho continuado, tendo por base a existência de conteúdo semântico independente da apropriação técnica e estética do mesmo.

Um teatro responsivo para um espectador reflexivo.

Através da implementação de um espectáculo que utiliza um discurso artístico responsivo, conto estar a trabalhar para um público adulto que responderá reflexivamente ao mesmo, recuperando o diálogo comunitário com a obra apresentada.





Alguns dados sobre o espectáculo

Actores “responsivos”.

Aos actores, agentes performativos deste espectáculo, pedi uma postura responsiva como base da construção performativa.

Definindo, direi que não quero que um actor improvise sobre um estímulo fornecido mas que use o melhor das suas capacidades para responder ao estímulo. Um trabalho árduo mas necessário para evitar a intromissão de outros universos (portanto de outras leituras) entre o discurso inicial e a percepção do público. Parte deste trabalho passará pela reprodução (pelos actores) de discursos seleccionados, colocados em contextos interactivos (ou seja, passando do discurso directo à estrutura dialogante). Outra parte passará pela simples resposta a discursos directos apresentados em vídeo e áudio. Outra ainda terá a ver com a utilização dos discursos como banda sonora para acção corporal responsiva.

Reordenamento criativo de conteúdos.

Tenho vindo a trabalhar a atitude criativa responsiva desde 96 sobretudo em seminários (do caos organizado à criatividade caótica) destinados a alunos de artes cénicas, animação sócio cultural, ou em algumas pós-graduações ligadas a comunicação e marketing. Neste percurso, foi também muito proveitoso o contacto mantido com os docentes de Master de Criatividade ligados à Universidade de Santiago de Compostela e ao Instituto de Criatividade Total (Espanha) que trabalham profundamente o processo criativo e as estratégias criativas; também a produção de três Encontros Internacionais de Criatividade – Criativa, com forte presença de especialistas ibéricos, contribuíram para o enriquecimento de experimentação de métodos e práticas. Desta experiência nasceram alguns espectáculos – como Angelictus (F.I.A.R., edição 0, org. O Bando, Palmela) e O Problema da Massa em Falta (Pax Julia teatro municipal, prod. arte pública, Beja) – e um método, que será aplicado na gestão do esforço criativo balizado pelos parâmetros expostos nos pontos anteriores.



Construção de uma instalação manipuladora.

Como parte integrante deste evento está a substituição da cenografia por uma instalação multimedia que se assume como manipuladora do espectáculo. Explicando: os conteúdos colhidos em campo (as entrevistas e envolvências visuais e acusticas) depois de seleccionados e trabalhados, são utilizados em instalação presente no espaço cénico (incluindo o espaço do espectador). Estes conteúdos vão ritmar o espectáculo, quer produzindo discursos directamente para o espectador, quer manipulando a acção do actor, assumindo-se como um agente performativo por si.

Metodologias

Entrevistas de histórias de vida

Gravadas em vídeo e áudio com condições optimizadas para futuras utilizações multimédia, as entrevistas são conduzidas com rigor segundo técnicas de investigação social, por uma profissional qualificada e experiente na actividade.



Os entrevistados

Em cada comunidade são seleccionadas/convidadas cinco pessoas de algum modo influentes na vida pública e que tenham algum tipo de produção artística ou para-artística. Cinco, porque mais seria avolumar demasiado a informação a tratar. A produção artística (ex. canto, histórias tradicionais, artesanato, artes plásticas, música, performance, escrita...) porque o trabalho artístico é já um formulário de resposta a tudo o que nos rodeia e a recolha que me interessa inclui sinais, objectos e propostas artísticas que serão utilizadas a par dos testemunhos gravados para construir a performance e a instalação previstas. Quinze testemunhos, quinze histórias de vida, quinze sinais artísticos, serão material suficientes para esta construção.

A metodologia da entrevista

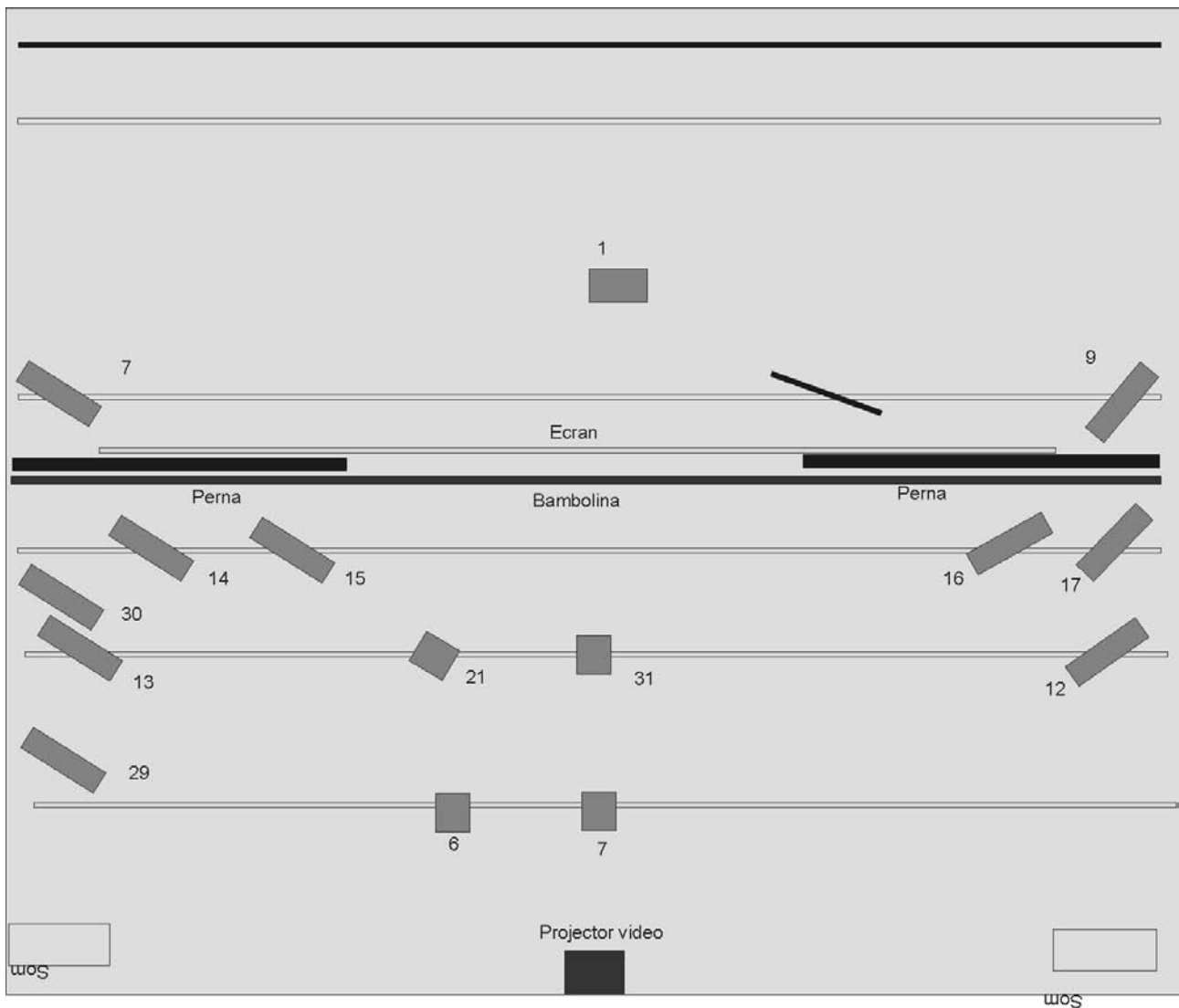
“Partir das histórias de vida é utilizar uma das técnicas do método qualitativo da investigação social. A partir deste método de pesquisa é possível realizar um exame intensivo tanto em amplitude como em profundidade sobre aquilo que nos inspira, a matéria-prima da obra, sobre uma unidade de observação que é, usualmente, um indivíduo cuja história reflecte, contudo, uma diversidade de acontecimentos pessoais, a vida de comunidades, grupos e instituições.




Através desta metodologia a atenção está focada no estudo dos pormenores e das particularidades não sendo os resultados susceptíveis de serem generalizados pois o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos é extremamente elevado e diz respeito a um contexto sócio-cultural e económico particular e único.

Trabalhar histórias de vida é tentar captar, entender e interpretar a riqueza de diversos percursos de diferentes personalidades na sua dimensão cultural, social, profissional, familiar e afectiva. É fazer a pessoa contar-se segundo um discurso que ela própria vai construindo cheio de personagens, mutabilidades, desejos, factos, expectativas e, acima de tudo, da busca de um sentido para a sua própria vida.

Tendo por base a entrevista não directiva onde se privilegia a flexibilidade e se respeita os ritmos de quem revela a sua biografia pessoal, a história de vida permite recolher testemunhos de elevado pormenor e riqueza assim como as interpretações dos próprios interlocutores acerca dos diversos episódios da sua vida. A história de vida permite, ainda, considerar os quadros de referências do interlocutor, a sua linguagem e as suas categorias mentais interessando compreender o contexto, as necessidades, as motivações e as soluções, muitas vezes fantasiadas, pelo próprio para transmitir com coerência os seus percursos de vida sendo frequente, no decorrer do seu discurso, o sujeito descobrir ele próprio a organização de alguns dos aspectos constitutivos da sua identidade pessoal, cultural e social.”

Filomena Sousa, socióloga, responsável pelas entrevistas do projecto AVIDA.



-  Pc 500/1000w
-  Recorte 1000w
-  Ciclorama 1000w

VIDA

Rider tecnico

palco:

largura minima – 7,00m; profundidade minima – 7,00m; altura minima – 5,50m

barras para projectores no tecto e electrificadas.

Cena preta, escuro total

ecran a cerca de 6,00m da boca de cena, dimensão minima de ecran: larg – 4,00m alt - 3,00m

Som frontal; Amplificação; Controle de luz, som e vídeo efectuado por computador (da companhia)

cabos de som e dmx passados até á zona de controle.

Alentejoilustrado

Diario do Alentejo – 22 Setembro

15 testemunhos gravados e três actores Teatro documental que brinda “À Vida”

Estreou em Sines, a 16, e vai estar em Beja, no Teatro Pax Julia, entre 27 e 29. Em palco, músicos de baile, maestros, cozinheiros, arquitectos, escritores, livreiros, pintores, artesãos e cinéfilos vão discorrer sobre a vida, tendo como pretexto a arte.

A infância: "Nos meus primeiros oito anos de vida, não devo ter tido um brinquedo. As molas de roupa eram os carrinhos". A arte: "Não consigo viver dela, mas não posso viver sem ela". O amor: "O verdadeiro amor só existe entre pais e filhos e entre amigos. Por uma mulher sente-se desejo, tesão". A morte: "É uma coisa escura. Quando me deito à noite, não sei se acordo. Por isso, ter os olhos abertos e as unhas dos pés a mexer é um dia feliz". A preto e branco, sob fundo neutro, as imagens dos rostos em expressão de confissão, por vezes tímidos, outras vezes ávidos, vão passando na sala de estar/palco onde três amigos/actores se reúnem, aparentemente depois de um dia árduo de trabalho. Sentam-se, dobram-se para descalçar os sapatos, descontraem os músculos, recostam-se na direcção das projecções. Os testemunhos sucedem-se, suscitando palavras de aprovação, um sorriso cúmplice ou um olhar de enternecimento. Não são actores os 15 entrevistados, nem lhes foi pedido que sigam um guião. São adultos, homens e mulheres, com idades, origens geográficas, sotaques, profissões e percursos de vida tão diversos quanto possível. Em comum, têm a forte presença da arte no seu dia-a-dia, em níveis de envolvimento que podem ir do mero *hobby* ao próprio ganha-pão. São músicos de baile, maestros, cozinheiros, arquitectos, escritores, livreiros, pintores, artesãos, cinéfilos. E tudo o que se lhes pede é que falem do que é estar vivo, de como chegaram até ali, do papel da arte nos seus universos particulares e nas comunidades de que fazem parte, em Beja, Sines e Idanha-a-Nova. Noutro plano, sem a protecção da gravação vídeo, os actores acabarão também por reflectir sobre si próprios diante do público, num trabalho performativo que reage ou completa as deixas dos visionados. Às vivências na planície, na costa ou na montanha, juntam-se assim as envolventes urbanas do Porto e de Braga, pelas vozes e gestos de Marta Carvalho, Isabel Pinto e Rui Pena, artistas de profissão que parodiam em palco uma das perguntas mais recorrentes aos do seu meio: "Como é que és actor, se ainda não apareceste na televisão?".



"Apanhar um bocadinho do que é estar vivo"

Depois da estreia, a 16, no Centro de Artes de Sines, "À Vida", uma criação de José Barbieri, vai apresentar-se em Beja, no palco do Teatro Pax Julia, entre os próximos dias 27 e 29, seguindo depois para dois espectáculos em Idanha-a-Nova, onde termina a digressão pelas terras dos entrevistados. Chegam assim ao fim mais de três meses de trabalho, entre a recolha das entrevistas, o tratamento de mais de 20 horas de gravações e o trabalho de adaptação ao palco, a partir dos 30 minutos de material escolhido. O resultado final, diz o autor pouco seguro dos rótulos, é "teatro documental ou um nome que, em português, me soa um bocado mal – teatro responsivo – que vem de um tipo de teatro que existe nos Estados Unidos, um teatro com responsabilidades sociais, sendo que aqui é um pouco diferente: é responsivo no sentido em que os actores respondem às coisas, com intervenções artísticas". A partir de uma miscelânea de pessoas, que é "altamente aleatória", José Barbieri, actualmente sobretudo dedicado ao registo da memória – através de trabalhos documentais mais performativos, como este "À Vida", ou mais informativos, como o vídeo sobre os contadores do Baixo Alentejo, que será apresentado este fim-de-semana, no encontro Palavras Andarilhas – quis fazer "um ponto da situação sobre como é, actualmente, viver neste País, e ter esta dependência das artes, do contacto artístico". E encontrou, curiosamente, não o desencanto do remar contra a maré dos novos tempos, ou o ressentimento pela falta de apoios dos poderes, mas um discurso de pessoas "acordadas socialmente e enquanto seres humanos", de pessoas "activas na sua relação com a sociedade" e que "acreditam muito em si e nas suas coisas". Quanto ao Estado, ele fica quase completamente arredado dos testemunhos gravados, já que a amostra pouco ou nada entra pelo terreno dos "fazedores de eventos": "Esses pertencem a uma classe profissional e precisam de apoios e

financiamentos. Estas são pessoas que, ou fazem só bordados ou saem do emprego e à noite fazem cerâmica, ou fazem fotografias ou são DJ. Todas elas estão, de algum modo, a ter uma prática artística". Entre alentejanos e beirões, parece haver, no entanto, uma diferença curiosa no que toca à importância dada à opinião dos outros, sobretudo quando os outros são os poderes públicos. Bejenses e sineenses, recorda Barbieri, perguntavam sempre, nos final das entrevistas, "e se eu disse alguma coisa que vai magoar alguém?", aspecto que parece ter passado completamente ao lado dos entrevistados de Idanha, nos quais o criador encontrou "mais liberdade individual". De tudo, conclui Barbieri, – da arte, do amor, da infância, da morte – sobra o que está dito no título: "é como um brinde à vida. É tentar apanhar um bocadinho do que é estar vivo, neste momento".

autor Carla Ferreira texto | José Serrano fotos
22/09/2006 - 10h59



imprensa

ÁVIDA estreia hoje



de
27/09/2006 a
29/09/2006 |
22h00 | 3 € |
sala-estúdio

ÁVIDA explora mundos particulares de 15 pessoas que vivem em 3 comunidades e que assumem alguma actividade artística no seu quotidiano.

Pedaços destas vidas, são expostos no palco, confrontadas com as palavras e a acção de três actores - cada um deles com todo um universo para revelar e sugerir.

José Barbieri cria um evento multimédia e performativo baseado nas histórias de vida de músicos de baile, maestros, cozinheiros, arquitectos, escritores, livreiros, pintores, artesãos e cinéfilos entrevistados em três localidades correspondentes a outras tantas envolventes paisagísticas e humanas: Sines (a costa), Beja (a planície), Idanha (a montanha).

criação José Barbieri actores Marta Carvalho, Isabel Pinto e Rui Pena técnico Rafael del Rio
base sociológica Filomena Sousa
27/09/2006



Notícias / Regional
07:03 27-09-2006

"Ávida" para ver hoje, amanhã e sexta-feira no Pax-Julia

Hoje, amanhã e sexta-feira, pode ver no Pax-Julia

"Ávida", um espectáculo multimédia e performativo sobre a forma como vivemos no nosso tempo...

BLOCO TARDE

Hoje, amanhã e sexta-feira, pode assistir na sala - estúdio do Pax Julia – Teatro Municipal, a partir das 22.00 horas, à apresentação do espectáculo multimédia e performativo "Ávida". A criação é de José Barbieri e os actores em palco são Marta Carvalho, Isabel Pinto e Rui Pena. O criador realizou um espectáculo sobre a forma como vivemos no nosso tempo e o facto de algumas pessoas não conseguirem passar os seus dias sem estabelecer contacto com a arte. As declarações são de José Barbieri, criador do espectáculo. Explicou ainda que o Ministério da Cultura considerou esta apresentação inovadora por não ter uma obra dramática como suporte e porque os actores em palco não seguem um texto base, interagem com os depoimentos que vão sendo projectados, ao longo de 80 minutos, numa tela.

Espectáculo "Ávida" leva à sala - estúdio, do Pax Julia - Teatro Municipal, pedaços de vida expostos em palco e confrontados com as palavras e a acção de três actores...

Ana Elias de Freitas

[Imprimir](#)

copyright © 2006 Rádio Voz da Planície



Edição de 09 de Outubro

Pesquisa

Primeira Página » Cultura

Agenda Cultural

Sexta-Feira, 06 de Outubro de 2006

O Centro Cultural Raiano, em Idanha-a-Nova, recebe hoje a peça de teatro experimental "À Vida", da autoria

de José Barbieri. O espectáculo começa às 21h30.

Promovida pela Associação Belmonte em Movimento, a exposição de artes plásticas sobre o Outono está patente, a partir de amanhã, no Bar Pub Lhá, naquela vila.

Termina hoje, na Casa da Cultura de Seia, a exposição "Comemoração do Dia Mundial do Turismo", organizado pela Escola Superior de Turismo e Telecomunicações.

"H2O Fotobiografia da água" é a exposição de fotografia de Paulo Magalhães que pode ser vista no Centro Cultural de Alcains – Museu do Canteiro, até domingo.

Em simultâneo com a Feira do Livro da Beira Baixa, o Clube de Castelo Branco tem patente na sua sede, até domingo, uma exposição fotográfica da autoria de Jolon, nome artístico de José Lopes.

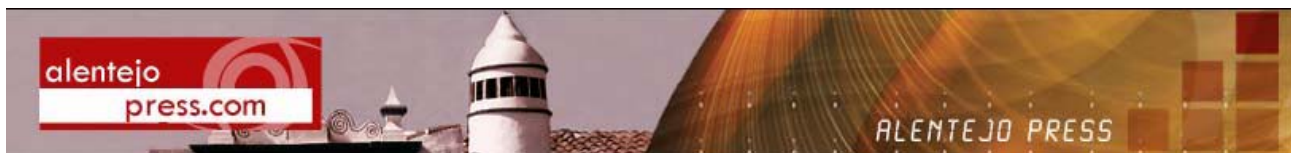
A Galeria Aquarius, da Guarda, expõe esculturas de Augusto Tomás, até terça-feira, dia 10. A mostra é apresentada sob o título "Fragmentos".

O Museu do Pão, em Seia, tem patente a exposição "O Pão e a Terra em Selos Portugueses - 1910-2000". Fica patente até domingo, dia 15.

A Casa do Arco do Bispo, em Castelo Branco, recebe até sábado, dia 20, uma exposição de pintura de Júlio Lopes. A mostra conta com cerca de trinta obras em óleo sobre tela, de estilo surrealista e impressionista.

O Teatro Municipal da Guarda tem patente até 25 de Novembro, uma exposição/instalação denominada "Caixa para guardar o vazio", projecto de Fernanda Fragateiro.

Decorre até Maio o ateliê de expressão dramática do Aquilo, na Guarda.



Alentejo Litoral

07/09/2006 | 117 lecturas

AAA

Alentejo Press /

Agenda Centro de Artes de Sines

O Centro de Artes de Sines recebe, no próximo dia 16, pelas 22 horas, o espectáculo "À Vida", uma criação de José Barbieri.

A peça explora mundos particulares de 15 pessoas que vivem em três comunidades e que assumem alguma actividade artística no seu quotidiano. Pedacos destas vidas são expostos no palco, confrontadas com as palavras e a acção de três actores (Marta Carvalho, Isabel Pinto e Rui Pena) - cada um deles com todo um universo para revelar e sugerir. José Barbieri cria um evento multimédia e performativo baseado nas histórias de vida de músicos de baile, maestros, cozinheiros, arquitectos, escritores, livreiros, pintores, artesãos e cinéfilos entrevistados em três localidades correspondentes a outras tantas envolventes paisagísticas e humanas: Sines (a costa), Beja (a planície), Idanha (a montanha). A entrada no espectáculo custa 7,5 euros, e pode encontrar mais informações sobre o programa em:

<http://www.centrodeartesdesines.com.pt>

Centro de Artes de Sines

«À Vida»

O teatro e o multimédia cruzam-se neste evento sobre a vivência da arte em três comunidades, uma delas Sines.

Auditório | 16 de Setembro | 22h00 | Bilhete: 7,5 euros

À VIDA explora mundos particulares de 15 pessoas que vivem em 3 comunidades e que assumem alguma actividade artística no seu quotidiano.

Pedacos destas vidas, são expostos no palco, confrontadas com as palavras e a acção de três actores - cada um deles com todo um universo para revelar e sugerir.

José Barbieri cria um evento multimédia e performativo baseado nas histórias de vida de músicos de baile, maestros, cozinheiros, arquitectos, escritores, livreiros, pintores, artesãos e cinéfilos entrevistados em três localidades correspondentes a outras tantas envolventes paisagísticas e humanas: Sines (a costa), Beja (a planície), Idanha (a montanha).

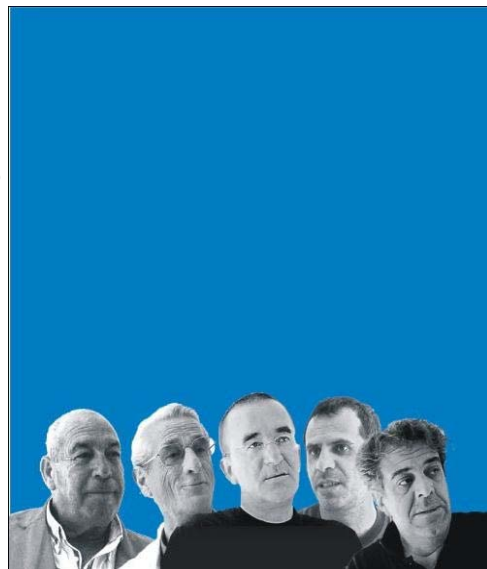
Ficha artística

Criação: José Barbieri

Actores: Marta Carvalho / Isabel Pinto / Rui Pena

Técnico: Rafael del Rio

Base sociológica: Filomena Sousa



Quicklinks: Contactos, Horários e Outras Informações | Como Chegar a Sines e ao Centro | Mapa do Site
Site do Centro de Artes de Sines, um equipamento da Câmara Municipal de Sines. (c) Câmara Municipal de Sines 2006

BlogThis!



A Vida

A Vida! Esta frase curta mas muito significativa esteve em palco nos últimos três dias no nosso **Cine-Teatro Pax Julia** na sala estúdio em forma de uma peça de teatro. Essa sala peca por ser pequena, fica a sensação que poderiam ter assistido mais pessoas, o facto é que nos três dias de espectáculo a sala esteve sempre cheia.

Para um leigo nessa matéria como eu é difícil de descrever o que acabei de ver. Começo por dizer que gostei muito! Não foi teatro no estilo habitual, entraram também em cena curtos filmes de entrevistas. Foi uma interligação entre os três (excelentes) actores e os contos da vida dos entrevistados. Apareceram em preto e branco ora na tela, ora nos corpos dos actores ou então numa das cadeiras a contar as suas histórias. Quinze pessoas de três localidades diferentes, entre eles Beja, falaram de tudo. Do que fazem, do que gostariam de fazer e ser, dos sonhos, da infância e finalmente da morte! A peça foi uma viagem interessante da vida, o que ela é, o nascimento, a infância, a actualidade, o trabalho e os sonhos, o futuro e por fim, o fim, a morte...

Gostei dos actores. Numa hora e meia falaram, gritaram, dançaram e riram sobre a vida. Responderam por vezes aos entrevistados, falaram também da sua própria vida. O elemento masculino era um actor de nome Rui Pena de 35 anos. Duas actrizes, a Isabel Fernandes e a Marta Carvalho de quase 26 anos como sublinharam várias vezes, completaram o elenco.

Interpretaram de várias maneiras, ora tristes, ora alegres. Irritados, sensíveis e resignados, viu-se de tudo. A vida tem tudo isso!

Por fim, last but not least, falta falar do “motor” e criador desta peça. Já fez parte da Arte Pública e dá pelo nome José Barbieri. É uma pessoa simpática e muito criativa, como se viu nesta peça.



José Barbieri

Criações recentes

ANGELictus - performance multimedia sobre as relações entre homens e anjos
estreou no FIAR - festival Internacional de Artes de Rua
org. C.M.Palmela/O Bando

O PROBLEMA DA MASSA EM FALTA

performance multimedia a partir das novas concepções cosmológicas da astrofísica
estreou nos PULSAR'S - ciclo de novas criações
org. ARTE PUBLICA

AVIDA

espectaculo documental sobre as concepções existenciais de 15 habitantes deste país, com a colaboração "existencial"
de 3 performers.
prod. Memoriamedia

Hab. Literárias

1981 - 1985

Escola Superior de Teatro e Cinema
Curso Superior de Cenografia
Lisboa

1982/83 e 1983/84

Bolsa de Estudos de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian

1990/91 e 1991/92

Bolsa de Jovem Criador para Teatro do Centro Nacional de Cultura
Investigação sobre Teatro Jesuíta em Portugal

Experiência Profissional

Director de Cenografia para Ópera e Bailado 1985-1989

Inicia a sua prática profissional pela Ópera e pelo Bailado, no Teatro Nacional de S. Carlos (1985) e na Companhia Nacional de Bailado (1985), assegurando a direcção cenográfica de ambas as Estruturas. Como director de cenografia, é responsável pelo sector técnico e artístico de produção de cenários, adereços e figurinos para a totalidade das produções das duas companhias nacionais de ópera e bailado, assegurando também a gestão orçamental (construção cenográfica) de todas as produções.

O Lago dos Cisnes, Sonho de uma Noite de Verão, O Quebra Nozes, Petruska, são algumas das grandes produções de bailado que assegurou para além de diversas pequenas produções – desde remontagens da companhia de dança do Verde Gaió a apostas contemporâneas.

Il Lombardi alla prima Crociata, Aida, Atilla, A Força do Destino, La Traviata, Rigolletto, O Navio Fantasma, A Sonambula, Dido e Eneias, Mahagony são algumas das grandes produções de ópera que assegurou para além de diversas pequenas produções.

É nestes dois locais que apreende e interioriza a problemática do espaço cénico e suas múltiplas utilizações e leituras.

Cenografia e produção cenográfica para Cinema (1984, 1997)

Desenvolve actividade no cinema e na televisão, assegurando a cenografia em diversas obras (de Manoel de Oliveira – adereços e/ou cenografia em Non ou a Vã Glória de Mandar, CristineLaurentz, entre outros), e autoria e concretização de alguns

cenários para produções para a infância da RTP. Realiza ainda trabalhos de cenografia para publicidade (campanhas diversas).

Produção de Teatro (1981-1991)

Paralelamente vai desenvolvendo diversos projectos autónomos de teatro onde procura linguagens cenográficas e processos de produção que tentam acompanhar e dialogar com a onda renovadora que atravessa o teatro.

Produção de Teatro (1992-2005)

É fundador e produtor do arte pública desde 1992 até 2005 onde destaca: a co-produção Luís Castro/CCB/arte publica **PECADO no CCB**, e **NASCER na EXPO'98, Nós Todos Três no CCB, Os Músicos de Bremen na Fundação Calouste Gulbenkian** e o

Festival Novas Tendências nas Artes Cénicas, integrado na CRIATIVA 99 em Beja.

Como produtor do arte pública assegura as condições de criação, a direcção de produção e a difusão de 48 criações teatrais que reflectem cerca de 677 sessões realizadas em todo o país, entre 1998 e 2005.

Direcção Técnica (2004-2005)

Assessor da Câmara Municipal de Beja para o equipamento cénico do Teatro Municipal Pax Júlia.

Director técnico da temporada de inauguração e arranque do Teatro Pax Júlia (2005)

Actividade Docente

Professor de artes cénicas e multimédia na Academia Contemporânea do Espectáculo (1994 - 1998), com passagens pela Escola Superior de Musica e Artes do Espectaculo do Porto (1997) onde dirige 2 seminários sobre materiais sintéticos na cenografia. Professor no curso de pós-graduação de Marketing e Comunicação do Instituto Universitário Afonso III – Loulé (2002/2003). Diversas acções de formação em técnicas e criatividade, um pouco por todo país, com destaque para acções de introdução à Pratica Teatral realizadas a convite do Ministério da Cultura, para estruturas da Zona Oeste – Torres Vedras (2000)



Rui Sérgio Baptista Pena

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

1997

Concluiu o Curso de Teatro/ Actor na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, obtendo o grau de bacharel, com a classificação final de 15 (quinze) valores.

1997

Aluno do projecto ERASMUS, durante três meses, no Dartington College of Arts, Departamento de Teatro da Universidade de Plymouth, em Inglaterra.

1994

Concluiu o Curso de Teatro/ Interpretação da

Academia Contemporânea do Espectáculo – Escola Profissional, com a classificação final de 17(dezassete) valores.

1989/91

Frequentou o Curso de Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Participação na Ecole des Maîtres 2001 – X édition, dirigida pelo mestre Jean Louis Martinelli – Itália, França, Bélgica

☐☐Actor em *Cepervejo* – a partir de textos de Maiakovsky, encenado por Andrzej Sadowski, Núcleo de Criação Teatral - Porto

☐☐Actor em *Antígona* – a partir de Sófocles, encenado por Nuno Cardoso, Núcleo de Criação Teatral - Porto

☐☐Pesquisa para *A Queima do Judas*, encenada por Allan Richardson para a Sociedade Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura

☐☐Actor em *A Princesa Maleine* de Maeterlink, encenado por Pierre Voltz, Núcleo de Criação Teatral - Porto

☐☐Actor em *A classe dos media*, curta metragem vídeo de Pedro Azevedo

☐☐Actor em *Rua* de Jim Cartright, encenado por Allan Richardson, ESMAE

☐☐Actor em *Ubu Rei* de Alfred Jarry, encenado por Allan Richardson, ESMAE

☐☐Leccionou a disciplina Oficina de Expressão Dramática na Escola Secundária do Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho

☐☐Actor em *Roberto Zucco* de Koltès, encenado por António Lago, pelo Teatro Só – Porto.

☐☐Concebeu e dirigiu conjuntamente, e participou como actor na animação da campanha de promoção da normalização dos frutos e produtos hortícolas do Ministério da Agricultura.

☐☐Concebeu e dirigiu conjuntamente, e participou como actor na animação da inauguração do espaço Hard Club em Vila Nova de Gaia

☐☐Actor em *O Jogo da Macaca* de Horowitz, encenado por Virgílio Castelo, pelo Teatro Plástico – Porto

☐☐Actor em *Platonov* de Tchekhov, encenado por Andrzej Sadowski – projecto ESMAE, no Teatro Nacional de S. João, no Porto.

☐☐Formação e direcção do grupo de teatro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

☐☐Formação e direcção do grupo de teatro da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

☐☐Formação e orientação do grupo de teatro da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

☐☐Participação como actor num episódio da série televisiva *Clube Paraíso*, com realização de Paulo Grizzolli.

☐☐Actor em *Macbeth* de Shakespeare, encenado por Ulysses Cruz, pela Seiva Trupe.

OUTRAS HABILITAÇÕES

☐☐Participação num estágio de voz dirigido por Vicente Fuentes, no Centre de Trielle em Thiézac, França.

☐☐Participação num atelier de construção e manipulação de marionetas dirigido por José Ramalho, no CRAT, Porto.

☐☐Frequentou o Curso de Iniciação Teatral no Teatro Universitário do Porto, dirigido por Jorge Pinto.

☐☐Conhecimento activo do francês, do inglês e do castelhano, e conhecimento passivo do alemão.



Isabel Fernandes

Nasceu em 1980, no Porto.

É licenciada em arquitectura pela FAUP, com média final de 16 valores. Estudou um ano na École d'Architecture de Nancy, ao abrigo do programa Erasmus, e participou em diversos workshops internacionais, nomeadamente na Universidade de Poznan, na Polónia, e na Universidade de Yildiz, na Turquia. Colaborou com diversos gabinetes de arquitectura, entre eles o de Emanuelle et Laurent Beaudoin, o DPPCC – Câmara Municipal de Gaia e a DGU – Câmara Municipal do Porto.

Em 1999, iniciou-se na área do teatro, num curso orientado por Júnior Sampaio e, desde essa altura, fez diversas formações com Tamar van den Dop, Alfredo Calvazzoni, Ricardo Rizzo, Elói Monteiro, Advane Néia, Giacomo Salisi, Filipe Tenreiro, Manuel Brás da Costa, Adam Darius, Kasimir Kolesnik e João Mota, entre outros. Colaborou com o Théâtre Universitaire de Nancy na peça *La Noce*, de Anton Tchekhov, encenada por Denis Milos, e em várias produções do CAIR-TE, da ACE, do Entretanto Teatro e da Mime's Centre. Actualmente, frequenta o curso de teatro – interpretação, na ESMAE – IPP e é responsável pelo projecto FAUNAS_contadores de histórias. Recentemente, integrou o elenco da curta-metragem *Berço de Pedra*, de Nuno Rocha, galardoada com o prémio para o melhor elenco "ALEXIS DAMIANOS" no festival "Naoussa International Short Film and Video Festival".



Marta Carvalho

Nasceu em 1980, em Braga.

É licenciada em Terapêutica da Fala pela ESTS-IPP, com classificação final de 16 valores.

A sua incursão nas artes começa logo aos 5 anos, com a dança. O seu ensino básico é feito no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, onde teve oportunidade de estudar violino.

Aos 12 anos entra num grupo de teatro infantil (Tin.Bra – Braga), continuando a sua formação nessa área desde então. Colaborou com ODIT (Oficina de Dramaturgia e Interpretação Teatral de Guimarães), Sindicato de Poesia de Braga, Ponto Convergente (Rio Tinto), Assédio, PIFH (Braga), The Mime Centre. Trabalhou com Adam Darius, Afonso Fonseca, Águeda Sena, Almeno Gonçalves, António Fonseca, Ivo Alexandre, Fernando Moreira, João Cardoso, José Miguel Braga, Kazimir Kolesnik, Moncho Rodriguez, Osvaldo Maggi, Sandra Faleiro, entre outros.

Actualmente, frequenta o Bacharelato de Teatro-Interpretação na ESMAE-IPP. No âmbito escolar teve oportunidade de trabalhar com António Durães, Denis Bernard e João Mota. É colaboradora do projecto FAUNAS – contadores de histórias.